

Boletim da FAEB Outubro

*Quando você não
acerta suas contas
com a história,
a história te assombra.*

W. Safatle

EDITORIAL

O sétimo boletim FAEB anuncia o Confaeb 2018, que irá acontecer a menos de um mês, em Brasília, de 6 a 9 de novembro. A fabricação do boletim se dá em um outubro carregado de nuvens escuras para o futuro da democracia brasileira. É neste clima que pensamos e insistimos na resistência da arte de professores e artistas para construir outros mundos possíveis. Resistência e capacidade de resiliência que vamos precisar, caso o pior ocorra.



Assim, a entrevista do mês com a palestrante internacional do Confaeb não poderia ser mais oportuna. Laura Catelli, uma professora pesquisadora que conhece bem o Brasil, afirma: “[...] ninguém pode nos descolonizar, este é um processo pelo qual devemos passar sozinhos e juntos ao mesmo tempo”. Reflexão apropriada para o momento difícil em que estamos vivendo e um alerta para o trabalho a ser desenvolvido no país pelas gerações do presente, como alerta a autora: “Agora, o argumento central do giro decolonial (sem “s”) é que não podemos falar de descolonização, na medida em que persistem padrões de dominação colonial que vão além do controle político e econômico e incluem a formação de relações sociais, imaginários coletivos e epistemologias violentamente impostas durante os processos de colonização”. As tecnologias abrigam no tempo presente nossas relações sociais e imaginários coletivos construídos massivamente nas redes sociais. Na contramão do aligeiramento desses imaginários, o ensaio visual do professor Gabriel Lyra nos brinda com o trabalho poético *Caçador/Coletor*, no qual tece relações entre arte, design, ensino e plataformas digitais. É a primeira vez que trazemos o vídeo para nosso boletim e, mesmo na versão PDF, ao clicar nas nebulosas intergalácticas de Grabiél, somos remetidos aos movimentos que atijam nossa imaginação e capacidade de sonhar, quiçá coletivamente! Como na canção: *You may say I am dreamer, but I not the only one* (J. Lennon).

No relato de experiência, temos o trabalho *Estampadeiras*, que descreve um processo criativo desenvolvido com uma turma de EJA, no Instituto Federal de Goiás, em sua maioria, alunas costureiras e modelistas. O professor Alexandre Guimarães nos mostra que as relações de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos podem e devem sair de estereótipos de manuais pedagógicos, além de criar interlocuções com as pessoas que ali estão, com seus saberes



e fazeres. Com o ensaio poético e com o relato docente, aproveitamos para desejar um **FELIZ DIA DOS PROFESSORES**, em especial para aqueles e aquelas que fazem da arte seu exercício pedagógico!

No boletim anterior, trouxemos informações sobre a mesa *História e Memória*, do Confaeb. Neste, detalhamos a programação das demais mesas, a saber: 1) Políticas Educacionais e Formação Docente, 2) Rastros de Luta e Resistência pelo Ensino de Arte: Impactos e perspectivas em prol do ensino de arte; 3) Conexões entre Associação, formação e políticas educacionais com representantes da FAEB: ABRACE, ANDA, ABEM e ANPAP; 4) Formação Docente: Quem somos, onde estamos, para onde queremos ir?; 5) Caminhos Cruzados: ensino de arte em espaços formais, informais e não formais e a mesa 6) Formação Continuada: Os Caminhos da pós-graduação e da pesquisa no ensino de arte no Brasil.

Finalizando, temos o nosso mural, já anunciando publicação de livros, exposições, eventos, movimentos. Chamamos atenção para o livro *Improvisação Teatral*, de Fernando Catelan, que será lançado durante o evento, e para a exposição *Pequenas Escalas*, que estará em cartaz durante o Confaeb, podendo ser visitada a partir do dia 6. E assim seguimos, enfrentando os assombros da história, nos exercícios críticos, éticos e estéticos!

Leda Guimarães

CONFAEB 2018 BRASÍLIA - DF

**De 6 a 9
de novembro**

PROGRAMAÇÃO DAS MESAS REDONDAS

7

NOV

Quarta-feira, a partir das 9h

Local: Teatro Plínio Marcos / FUNARTE

Mesa 1 Políticas Educacionais e formação docente

Mediação: Prof.^a Dra. Fabiana Vidal - FAEB

A Base Nacional Curricular Comum e a formação dos professores de arte

Prof.^a Dra. Rosa Iavelberg - USP

Questões sobre a Residência Pedagógica

Prof. Dr. Marcus Flávio da Silva - UFPE

A escola como espaço e a docência como tática

Prof. Dr. Arão Paranguá - UFMA e Prof.^a Me. Renata Patrícia da Silva - UFT

Novas Diretrizes para a Formação de Professores

Prof.^a Dra. Ana Luiza Ruschel Nunes - UEPG



Mesa 2 Rastros de luta e resistência pelo Ensino de Arte: impactos, perspectivas de projetos e ações colaborativas em prol do ensino de arte (Rede de Representantes da FAEB)

Mediação: Prof.^a Dra. Luzirene Rego - FAEB e Prof.^a Me. Verônica Devens - FAEB

Representantes Região Norte

Prof.^a Eneila Santos - UEA e Prof.^a Me. Ana Del Tabor - UFPA

Representantes Região Nordeste

Monica Rodrigues - SEDUC/MA e AMAE, Getúlio Martins - SEDUC/PB e Adeilza Gomes - SEDUC/RN

Representantes Região Centro Oeste

Prof. Caciano Lima - SEDUC/ASMAE/MS e Karine Ramalde - SEDUC/GO

Representantes Região Sudeste

Prof.^a. Eliane Andreolli e Prof.^a. Rosa Amélia - IFPR

Representantes Região Sul

Prof.^a Rejane Ledour - SEDUC/RS

Quinta feira, a partir das 9h

Local: Teatro Plínio Marcos / FUNARTE

Mesa 3 Conexões entre associação, formação e políticas educacionais (Associações Nacionais) Mediação: Prof.^a Dr^a Ana Paula Abrahamian - FAEB

ABRACE

Prof. Dr. Marcílio de Sousa Vieira - UFRN

ANDA

Prof.^a Dra. Eleonora Campos da Motta Santos - UFEL

ANPAP

Prof. Dr. Robson Xavier - EAV
(Comitê de Educação em Artes Visuais)

ABEM

Prof. Me. Marcus Vinícius Medeiros Pereira - UFJF

Mesa 4 Formação docente: Quem somos? Onde estamos? Para onde queremos ir?

Mediação: Prof.^a Dra. Vitória Amaral – UFPE

Vem dançar com a gente!

Prof.^a Dra. Luciana Ribeiro - IFG

Licenciatura Intercultural da UFSB

Prof. Dr. Sérgio Cerqueda e Prof^a Clarissa Silva - UFSB

Há distância no Ensino da Arte?

Prof.^a Dra. Noeli Batista - UFG

Formação docente mediada pela Abordagem Triangular

Prof.^a Dra. Rejane Coutinho - UNESP

9

NOV

Sexta-feira, a partir das 9h

Local: Escola Parque, 308 Sul

Mesa 5 Caminhos cruzados: ensino de arte em espaços formais, informais e não-formaisMediação:

Prof. Dr. José Mauro Ribeiro - IdA/UnB)

O Teatro do Oprimido no contexto das mulheres presidiárias

Prof.ª Ms. Simone Requião - UFBA

A Universidade e o Morro da Mangueira

Prof.ª Dra. Isabela Frade - UERJ

Projeto Êxodos: Caminhadas – Educação

Prof.º Dr. Luis Guilherme Baptista - SEEDF

Teatro-Dança com Pessoas com deficiência

Prof.º. Me. Rafael Tursi - UnB/FADM, Projeto PÉS

Mesa 6 Formação continuada: Os caminhos da pós-graduação e da pesquisa no ensino de arte no Brasil

Mediação: Prof.ª Leda Guimarães

Mestrados Profissionais e formação continuada

Prof. Dr. André Carreira - UDESC

Representante CAPES - Área de Artes

Prof.ª Dra. Vera Beatriz Cordeiro Siqueira - UFRJ/CAPES

Solilóquio em tempos de BNCC

Prof. Dr. Afonso Medeiros - UFPA

DIÁLOGOS INTERNACIONAIS



Entrevista com

Prof.ª Dr.ª **Laura Catelli**

Professora da Escuela de Bellas Artes, Faculdade de Humanidades y Artes. Investigadora IECH, CONICET-UNR

Por: **Sidiney Peterson**
Diretor de Relações Internacionais da
FAEB biênio 2017-2018

Colonialidade/ De[s]colonialidade

Não podemos perder o "s" de vista

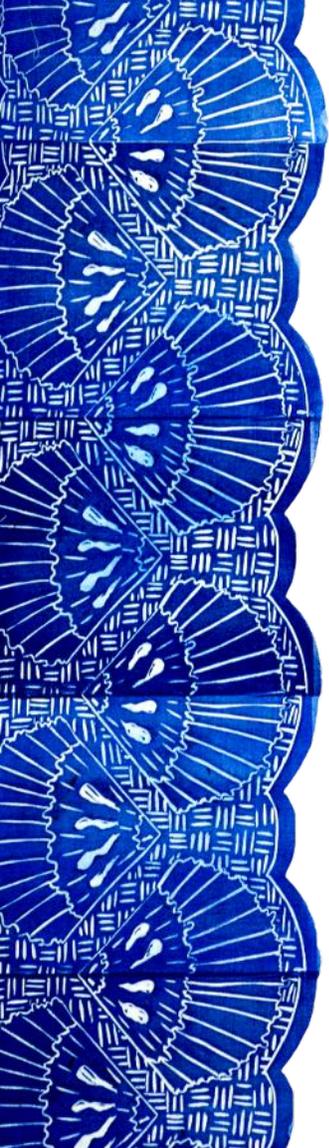
[...] ninguém pode nos descolonizar, este é um processo pelo qual devemos passar sozinhos e juntos ao mesmo tempo.

SP: Vamos iniciar com uma ponderação acerca do que é "descolonial" e "decolonial"?

LC Essa questão parece muito simples, mas na verdade não é, já que cada um desses termos, onde parece haver apenas um "s" de diferença, implica processos políticos, econômicos e epistêmicos diferentes e bem definidos. É uma excelente pergunta, porque coloca em jogo a necessidade de refletir sobre o que estamos entendendo quando enfrentamos um slogan desse tipo, ou um tipo de interpelação como a que foi lançada a partir da circulação de idéias sob o que tem sido chamado de *giro decolonial*. Digo isso porque acho que hoje o decolonial é colocado e é recebido como uma proposta ética e

política. Mas antes de continuar, é importante ressaltar a diferença de que esse “s”, entre descolonial e decolonial. Descolonial é um termo que está relacionado à descolonização, isto é, o processo de transição e mudança que segue ao (suposto) fechamento de um ciclo histórico, que implica o fim da dominação das potências imperiais sobre os povos colonizados e um ciclo social, político e cultural, que implicaria o fim das relações de dominação colonial. Recordemos que a descolonização em nível global fazia parte da missão da Organização das Nações Unidas (ONU), fundada em 1945. Os princípios que fundamentam a missão de descolonização da ONU são a igualdade de direitos e a livre determinação de todos os povos, sem distinção por razões de sexo, idioma, raça ou religião. Mas o certo é que a especificidade de cada situação colonial não nos permitiria pensar numa definição geral de *descolonização*, aplicável a todas as situações coloniais e, da mesma forma, a qualquer processo de *descolonização*. Dado que a colonização tem sido um fenômeno de dimensões globais e, simultaneamente, de

especificidades locais, tem havido vários movimentos anticoloniais, alguns dos quais são fortemente nacionalistas, e múltiplas teorias sobre *descolonização*, que na América Latina têm muitas referências, de intelectuais como Sepé Tiarajú, José Martí, a Frantz Fanon, e que atualmente podemos pensar, por exemplo, do EZLN. Na América Latina é muito importante reafirmar que a *descolonização* ainda é entendida como um processo político e econômico. Sabemos bem que o epistêmico, o imaginário, estão sempre ligados ao político e ao econômico. Agora, o argumento central do *giro decolonial* (sem “s”) é que não podemos falar de descolonização na medida em que persistem padrões de dominação colonial que vão além do controle político e econômico, e incluem a formação de relações sociais, imaginários coletivos e epistemologias violentamente impostas durante os processos de colonização. Aníbal Quijano chamou esse padrão de *colonialidade do poder*. Walter D. Mignolo, como Boaventura Sousa Santos, tem trabalhado arduamente para tornar visíveis os aspectos epistêmicos e



imaginários, mas acima de tudo epistêmicos, dos legados do colonialismo. Hoje, o *giro decolonial* é muito focado nesses aspectos, que são vitais. Mas eu penso que há uma tendência a perder de vista a especificidade das situações coloniais e pós-coloniais locais, e especialmente os cenários nacionais, um tópico que abordamos recentemente com Alejandro de Oto. Em alguns círculos de debates transdisciplinares, com colegas em filosofia, psicanálise, serviço social, educação, história, entre outros, temos ponderado se faz sentido adotar o anglicismo "decolonial" quando nos enfrentamos com os desafios propostos pelo giro decolonial, e o consenso é que não podemos perder o "s" de vista. Esse "s" é um lembrete de que não podemos

parar de pensar nos aspectos políticos, econômicos, nas problemáticas nacionais, e quero acrescentar institucionais, porque necessitamos pensa-lo em uma escala que nos permita atuar e construir, quando levantarmos a bandeira da descolonização epistêmica e subjetiva. É um desafio realmente enorme.

SP: Como estes conceitos permeiam sua prática?

LC Dizia que acredito que é necessário pensar sobre os aspectos institucionais da descolonização. Essa apreciação surge da minha prática de ensino, minha experiência em sala de aula e, especialmente, na matéria que eu ensino, Problemáticas da arte latino-americana do século XX. Eu acho que é importante esclarecer isso porque cada programa que ensinamos coloca em jogo conteúdos e sistemas conceituais que são específicos para cada matéria, e que por sua

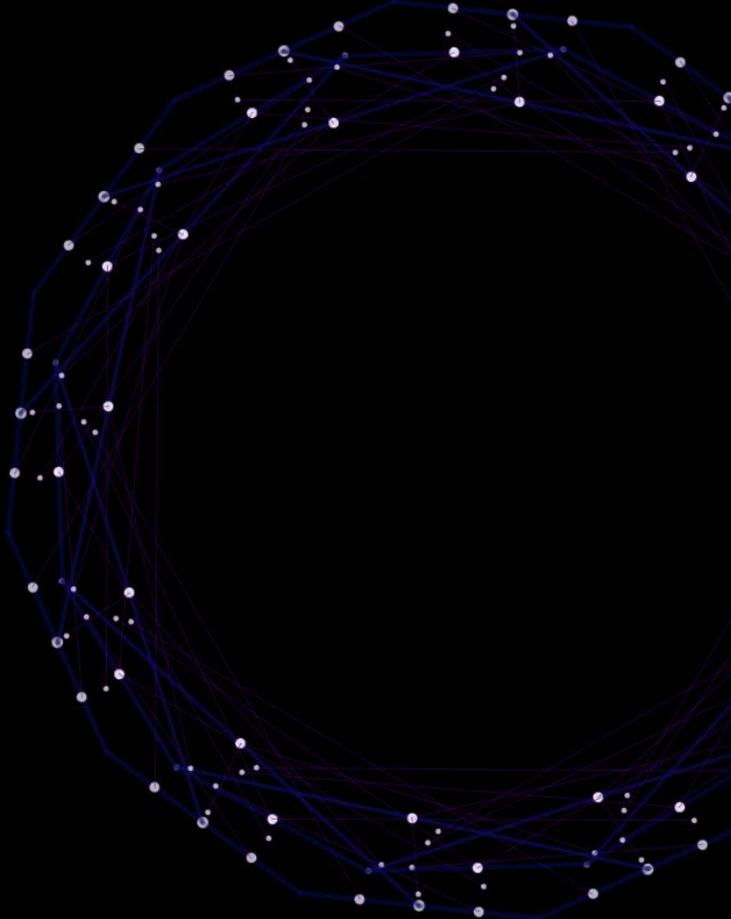
vez traz o intercâmbio para a sala de aula a partir de um conjunto de conteúdos, processos, relacionamentos, crenças, formados dentro de uma episteme moderna/colonial que pode ou não ser reproduzida, podendo também ser reproduzida de maneira que intervenha criticamente. Mas eu não vou falar agora sobre o potencial de descolonização da arte latino-americana, em si mesma e como matéria de estudo, quero fazer um comentário mais amplo agora. No território social em que trabalhamos, que é a sala de aula, podemos reproduzir esses dispositivos e ser funcionais para a persistência dessas estruturas epistêmicas. Há uma armadilha nos projetos neoliberais do ciclo mais recente, que está atuando fortemente para a tecnocratização, a educação baseada no mérito pessoal (meritocracia) e a reorganização do campo das ciências, que tende à estigmatização da arte, práticas artísticas, ciências sociais e humanas, e que também são cada vez menos financiadas. A armadilha é que, se

pensarmos numa descolonização epistêmica na sala de aula, em nossas pedagogias, que criticam as disciplinas e as práticas modernas/coloniais, talvez podemos correr o risco de fazer o jogo do neoliberalismo, embora não possamos defender, a todo custo, o *status quo* acadêmico, porque sabemos que isso, além de reproduzir um gesto um pouco absurdamente conservador, nos leva a reproduzir outras formas de *colonialidade*. Então, acho que temos um duplo desafio como educadores, contra os legados dos antigos colonialismos e os efeitos e o avanço dos novos. Em ambos os casos, estão em primeiro plano a colonização da subjetividade, dos corpos, do conhecimento e



dos imaginários, através de certas formas de disciplinamento que produzem os indivíduos que o capitalismo neoliberal necessita para sua própria reprodução, esses corpos dóceis. Assim, a descolonização na educação passa, em uma primeira instância, pela relação intersubjetiva que estabelecemos com os alunos, que eu entendo como uma relação de poder absolutamente, o que não significa dominação, e também pelas relações intersubjetivas que podemos incentivar de uma forma muito efetiva nos estudantes, indo a contrapelo da individuação que permeia as pedagogias tradicionais, que continuam a ser reproduzidas. Na minha aula trabalho o ano todo, através de trabalho em grupo com programas desenhados para esses fins, para gerar essa rede intersubjetiva. A partir daí é possível trabalhar com um segundo eixo, que envolve revisar coletivamente os imaginários culturais latino-americanos e o enorme peso do arquivo colonial neles. É muito interessante notar que os questionamentos aos imaginários culturais dominantes surgem das próprias histórias, uma vez que os alunos foram habilitados subjetivamente e intersubjetivamente na sala de aula. E é muito notável o

quão poderosa é a visibilidade da persistência do colonial, principalmente nos aspectos que têm a ver com questões étnico-raciais e de gênero, pois uma vez que isso começa a ser visto, não se pode perder de vista. Por quê? Porque faz parte da experiência de si. A colonialidade tem operado fortemente através da naturalização de certas estruturas socioculturais e da instituição de imaginários eurocêntricos, modernos/coloniais, que precisam ser visibilizados permanentemente. Então, minha intenção, o que tento fazer através de minhas práticas pedagógicas, não é descolonizar os alunos, mas fornecer ferramentas e experiências que ajudem, ainda que seja pouco, a que se auto percebam como sujeitos políticos, porque na verdade ninguém pode nos descolonizar, este é um processo pelo qual devemos passar sozinhos e juntos ao mesmo tempo. E trato de lembrar que eu mesma, como educadora, sou um sujeito político, então é uma construção, um processo, um aprendizado, no qual me sinto envolvida o tempo todo.

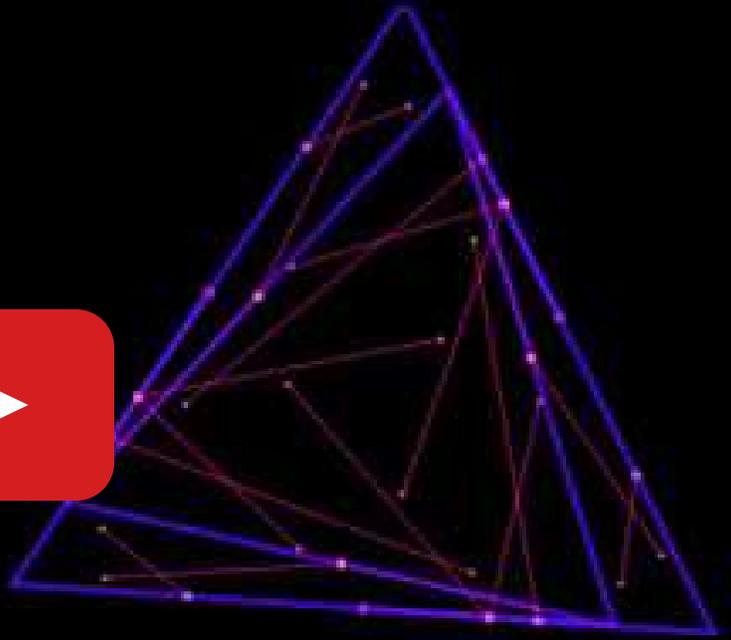
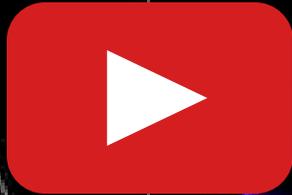
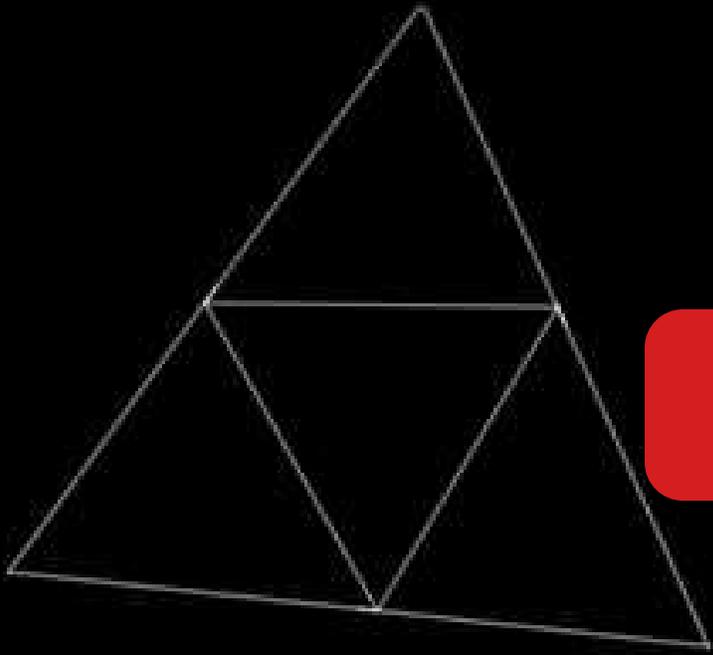


ENSAIO VISUAL

ARTE, TECNOLOGIA E DESIGN
GABRIEL LYRA

Gabriel Lyra é Doutor em Arte Contemporânea (UnB, 2018), Mestre em Cultura Visual (UFG, 2011), Bacharel e Licenciado em História (UFG, 2003). Atualmente, integra o corpo docente do Departamento de Design (UnB) e do Tecnólogo em Design Gráfico (IESB). Busca se apoiar no ferramental teórico e procedimental das abordagens sistêmicas para tecer relações entre arte, design, ensino e plataformas digitais. Classifica-se como caçador-coletor. Apanha referências teóricas e imagéticas de diversas matrizes, mas permanece nômade, vagando sem ver necessidade de uma filiação perene. Transita entre design, quadrinhos, fotografias, ilustrações e imagens de síntese baseadas em código, se esforça para construir tramas de sentido que conectem seus achados, processo do qual emergem imagens, narrativas, ou uma síntese dos dois campos.









RELATO DE EXPERIÊNCIA

Prof. Alexandre Guimarães

ESTAMPADEIRAS DA EJA

Estampar o tecido com a técnica da gravura - uma proposta de processo criativo em artes visuais para uma turma ingressante do curso Técnico Integrado em Modelagem do Vestuário - Educação de Jovens e Adultos, no Instituto Federal de Goiás, Campus Aparecida de Goiânia, durante o primeiro semestre letivo de 2018.

A Biônica, uma técnica de aplicação de conhecimentos da biologia para a solução de problemas de engenharia e design, foi a base conceitual do projeto. A partir do estudo de objetos naturais - vegetais e animais - as estudantes (95 % mulheres) iniciaram seus desenhos de observação, com atenção às formas da natureza, às linhas dos objetos “vivos”, suas texturas, complexidades, suas escalas e suas cores.

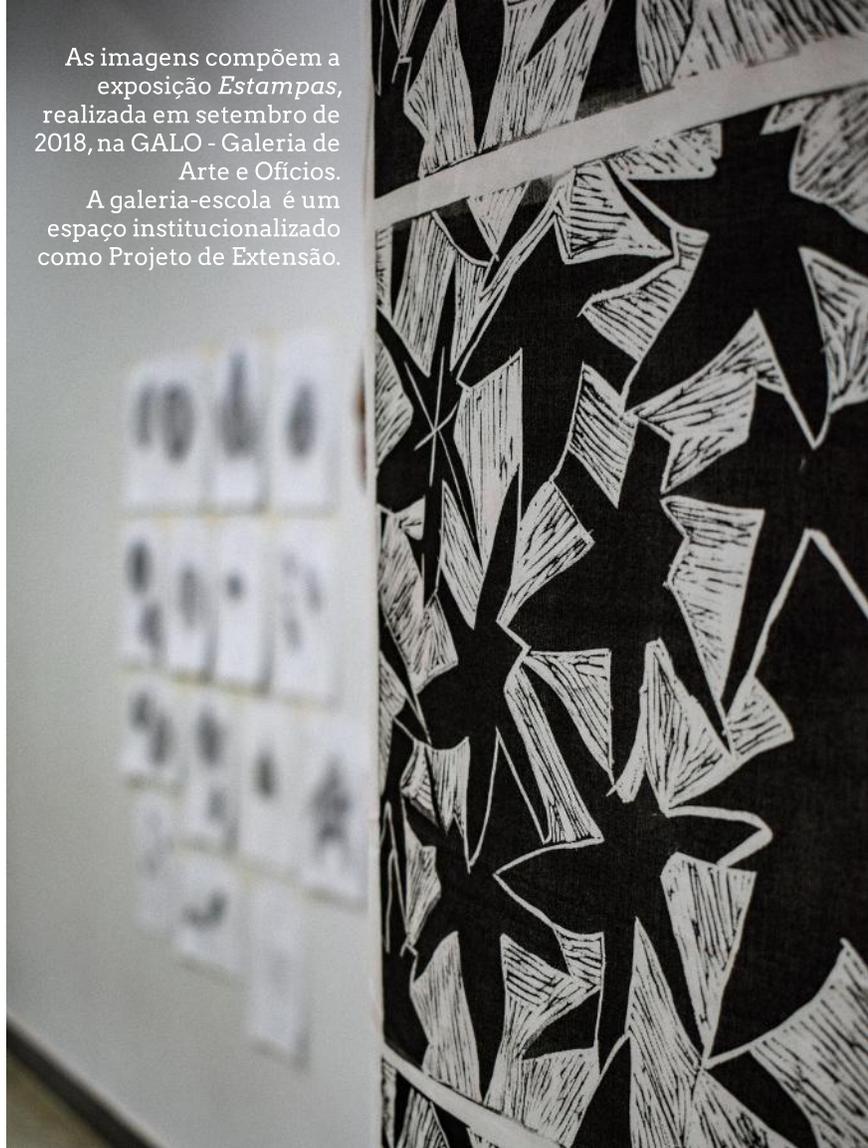
Do desenho de observação à transposição da forma (figurativa ou abstrata), chegou-se a elementos gráficos para a repetição - os raportes. Os raportes são unidades gráficas utilizadas pelo Design de Superfície para a criação de estampas. É um desenho projetado para a repetição, onde harmoniza-se consigo mesmo pelos encaixes, justaposições ou sobreposições, expandindo-se num contexto visual de unidade, cujo resultado é a estampa. Depois de solucionado o problema de design - a criação da forma do raporte -, criou-se uma matriz/carimbo em lilóneo, a qual foi gravada a partir da técnica do baixo relevo, com os instrumentos e linguagens próprias da gravura.

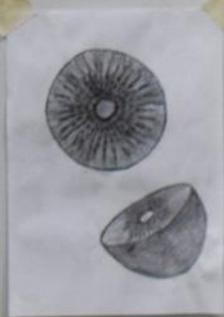
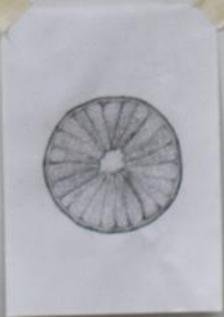
Para imprimir no tecido, utilizou-se a prensa gráfica mecânica. O resultado são essas belezas de tecidos que, além das formas estampadas, carregam impressos a dedicação, os desejos, a precisão, a insistência e, sobretudo, a sensibilidade de mulheres trabalhadoras da Educação de Jovens e Adultos.

Alexandre Guimarães é doutor em Arte e Cultura Visual, professor do Instituto Federal de Goiás, Campus Aparecida de Goiânia.

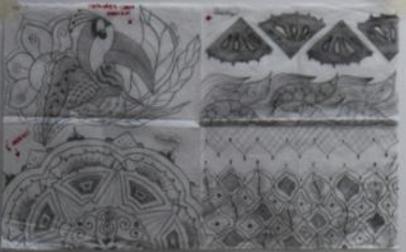
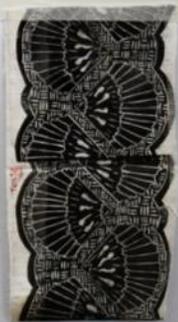
As imagens compõem a exposição *Estampas*, realizada em setembro de 2018, na GALO - Galeria de Arte e Ofícios.

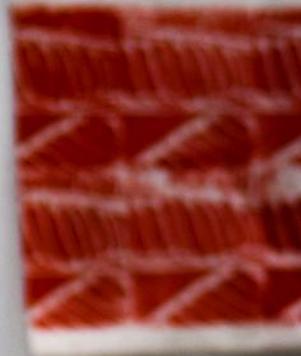
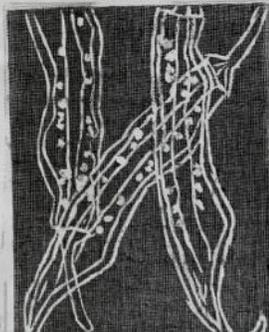
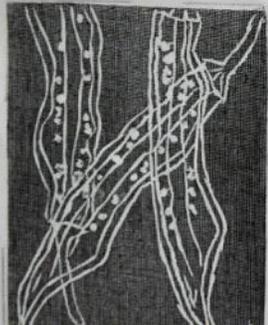
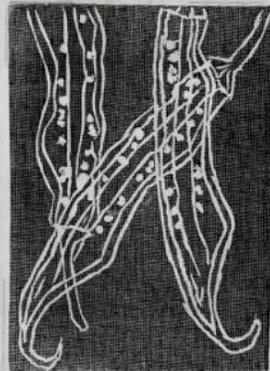
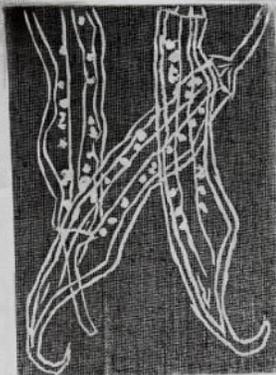
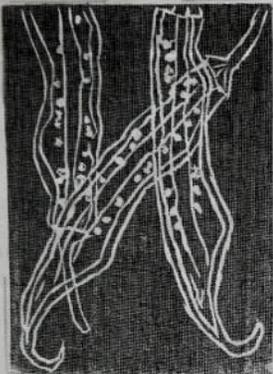
A galeria-escola é um espaço institucionalizado como Projeto de Extensão.

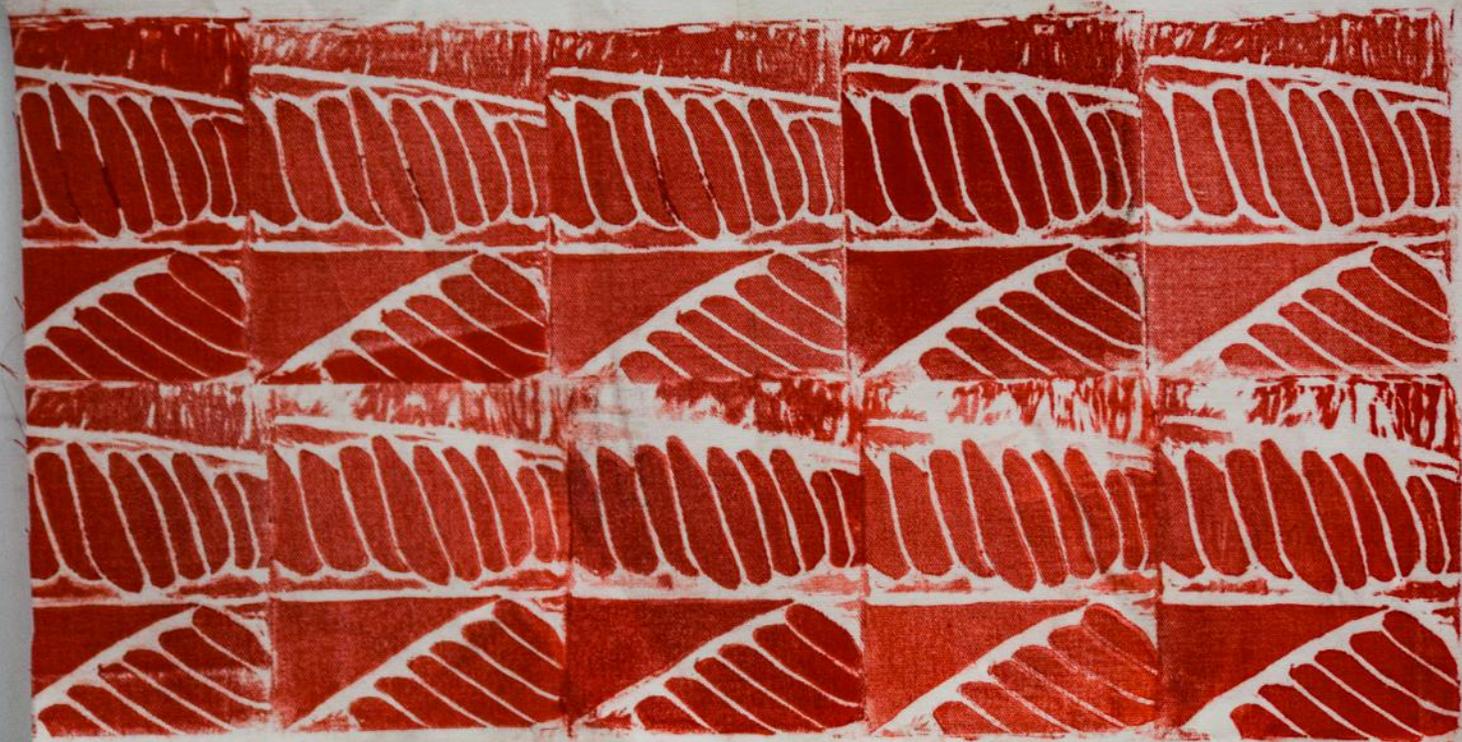
















PEQUENAS ESCALAS

Ana Miguel

Anna Bella Geiger

Brígida Baltar

Cadu

Cildo Meireles

Gê Orthof

Luiz Zerbini

Nazareno

Márcia X

Regina de Paula

Curadoria Ivair Reinaldim

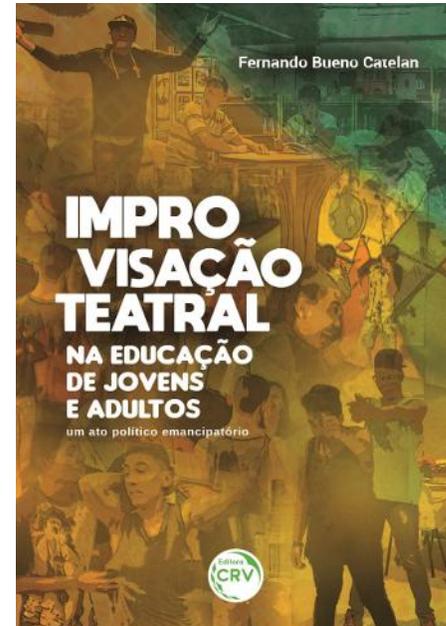
Abertura 25 de outubro de 2018, quinta-feira, às 19h
Visitação 26 de outubro a 16 de dezembro, de terça-feira a domingo, das 10h às 21h

Galeria Fayga Ostrower
Complexo Cultural Funarte Brasília
Eixo Monumental, Setor de Divulgação Cultural, Brasília - DF
(entre a Torre de TV e o Centro de Convenções)

ENTRADA FRANCA

Informações: Funarte Brasília (61)
2099-3076 / 2099-3079 www.funarte.gov.br
rosadotorres.pequenasescalas@gmail.com

MURAL DA FAEB



Livro: Improvisação Teatral na educação de Jovens e adultos - um ato político de emancipação, de Fernando Bueno Catelan

POR ONDE VAMOS?

Notas sobre pedagogias contemporâneas,
por RICARDO RUBIALES.

Encontro para educadores de museus
e instituições culturais

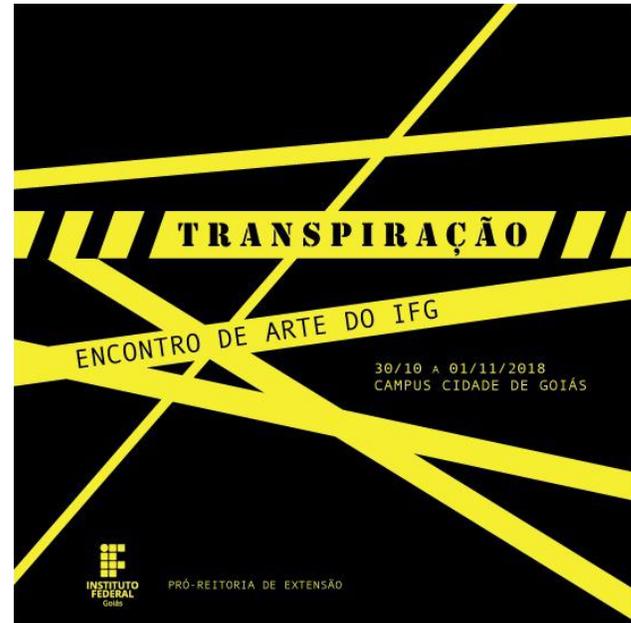
15/10/2018, 13h30 às 16h,
no auditório da Pina_Luz

Entrada gratuita.
Não é necessária inscrição prévia.

RICARDO RUBIALES

Trabalha desde 1994 no campo da educação museal na busca e na aplicação de ações educativas contemporâneas, como ferramentas, ambientes e estratégias de interpretação para mediação com o público. Participou como conferencista de diversos eventos internacionais e atuou na concepção e criação de projetos educativos de importantes museus do México, entre eles: Papalote Museo del Niño, Museo Nacional de Arte e Museo del Palacio de Bellas Artes. Recebeu em 2011 o Prêmio Iberoamericano de Educação e Museus na categoria incubadora concedido pelo IberoMuseus e em 2013 o prêmio Best Practice Award concedido pelo CECA/ICOM. Desde 2015 é assessor acadêmico da Escuela de Educación Disruptiva no México. Dedicou-se à investigação de novas tendências em educação e aprendizagem vinculadas ao desenvolvimento social, à difusão do patrimônio tangível e intangível e à relação arte, cultura e aprendizagem.

**PINACOTECA
DE SÃO PAULO**



**TRANSPIRAÇÃO
Encontro de Arte do IFG**

30/10 a 01/11/2018

Local: Instituto Federal de Goiás
Campus Cidade de Goiás

Informações no site do **IFG**.



2º Congresso intersaberes em Arte, Museus e Inclusão.

7º Bienal internacional de Arte Postal.

10º Encontro Paraibano de Arteterapia.

ARTE & DIVERSIDADE

22 a 24 de Novembro

Local: Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus I, em João Pessoa.

Leia mais [aqui](#).



FICHA TÉCNICA

Prof.^a Dr.^a Leda Guimarães

Presidente da FAEB

EDITORES:

Prof. Dr. Alexandre Guimarães

Instituto Federal de Goiás - IFG

Prof.^a Dr.^a Eliane Aparecida Andreoli

Faculdade Anhanguera
de Taboão da Serra - SP

Prof.^a Ma. Rosa Amélia Barbosa

Instituto Federal do Paraná - IFPR

Prof. Me. Sidiney Peterson Ferreira de Lima

Universidade do Estado de São Paulo - UNESP

Projeto gráfico

Alexandre Guimarães

Editoração eletrônica e diagramação

Bárbara Stela Oliveira

Ilustrações

Recortes de estampas das alunas do curso técnico em
Modelagem do Vestuário, IFG-Aparecida de Goiânia

Para contribuições e sugestões, escrever para:

boletim.faeb@gmail.com

O conteúdo pode ser reproduzido,
desde que sua fonte seja citada.



Vice Presidente:

Ana Paula Abrahamian de Souza – UFRPE/PE

Diretoria de Relações Institucionais:

Verônica Devens Costa – SEME-PMV/ES

Diretoria de Articulação Política:

Fabiana Souto Lima Vidal – UFPE/PE

Diretoria Financeira:

Luzirene do Rego Leite – SEEDF/FADM

Diretoria de Relações Internacionais:

Sidiney Peterson Ferreira de Lima